

Biblioteconomia, ciência da Informação e os novos contextos de informação

Marlene de Oliveira

Doutora em Ciência da Informação
Professora Adjunto da
Escola de Ciência da Informação da
Universidade Federal de Minas Gerais

Tel: 31 34996123

E-mail: marlene@eb.ufmg.br

RESUMO

Os novos contextos de informação exigem um novo perfil profissional. A Biblioteconomia e Ciência da Informação são áreas orientadas por diferentes paradigmas. Os novos contextos de informação necessitam de perfis profissionais mais modernos. O entendimento e compartilhamento das duas áreas pode melhorar o treinamento profissional e a prática de pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Biblioteconomia, Ciência da Informação, novos contextos de informação. Formação profissional.

INTRODUÇÃO

Os novos contextos de informação apresentam-se como desafios aos sistemas de formação profissional quanto ao tipo de perfil profissional a ser treinado para desenvolver tais atividades. No Brasil esses profissionais recebem treinamento tanto da área de Biblioteconomia quanto da Ciência da Informação.

O desempenho profissional nesses novos contextos vincula-se à visão do que é informação e guarda orientações diferenciadas ministradas pela Biblioteconomia e pela Ciência da Informação. O entendimento da formação daquelas disciplinas pode esclarecer as dificuldades e obstáculos na formação profissional.

Sobre Biblioteconomia e ciência da Informação

O estudo da literatura sobre a formação daquelas áreas, Biblioteconomia e Ciência da Informação, mostra que são orientadas por paradigmas diferentes.

O conceito de paradigma aqui utilizado sustenta-se nas idéias de Thomas Khun. Segundo aquele historiador da Ciência, paradigma é visto como um modelo ou padrão

de ciência que é compartilhado por uma determinada comunidade. Dentro desse conceito não estariam portanto as propostas de teorias, caminhos teóricos e metodológicos ainda não compartilhados. Essa abordagem paradigmática se fixa em autores que buscaram os paradigmas da área por meio do exame da literatura produzida, um desses autores é Francis Miksa. Conforme Miksa (1991) a Biblioteconomia e Ciência da Informação representam campos científicos orientados por paradigmas diferentes. O paradigma da biblioteconomia, segundo o autor, consiste em um grupo de idéias relacionadas com a biblioteca, então considerada como uma instituição social. Suas origens encontram-se nos trabalhos de estudiosos da Escola de Biblioteconomia de Chicago, durante os anos 20 e 30. Desenvolveu-se usando idéias e metodologias buscadas no campo da Sociologia e da Educação. O ponto focal do paradigma é a biblioteca em si mesma. Através dele a biblioteca é vista como uma instituição social e mais especificamente como uma organização social bem definida e única.

Como toda organização social a biblioteca tem material organizacional e características intelectuais que servem como significado para expressar suas funções numa estrutura social.

Nesta visão é possível identificar três propriedades nas funções da biblioteca. Tais propriedades pressupõe uma base material, profissional e organizacional que efetiva o exercício daquelas funções.

Propriedades materiais - incluem coleções de objetos representando o conhecimento (documentos) e equipamentos especializados.

Propriedades organizacionais - referem-se ao conjunto de estruturas administrativas e de pessoal.

Propriedades intelectuais - engloba a idéia de sistema, por exemplo, sistema de classificação, estrutura de catalogação, política de seleção.

Dentre as funções da biblioteca, no entanto, a mais importante é a que se identifica com sua coleção de documentos e suas facilidades de acesso.

Pelas lentes deste paradigma a biblioteca existe principalmente para tornar possível o uso, por um dado público, de suas coleções de documentos. Assim, exerce várias tarefas subsidiárias tais como aquisição, organização e arranjo físico dos materiais coletados. Prevê ferramentas apropriadas e assistência pessoal até à recuperação e uso das coleções, não somente para prover esta função, mas também para dotar uma infra-estrutura para educadores e para muitos pesquisadores de campos específicos.

Esta visão da biblioteca inclui uma outra correspondente à mudança social e cultural que por sua vez sustenta um contexto amplo e racional no qual a biblioteca teria se tornado um importante e particular elemento na sociedade. O principal elemento de tais mudanças é, de um lado, o conhecimento social acumulado da humanidade, o que resulta em um tipo de memória social e cultural. De outro lado a presença de indivíduos que são consumidores daquele conhecimento social acumulado. Nesta visão a mudança social e cultural é facilitada quando indivíduos ingerem ou usam intelectualmente conhecimento social organizado relevante para conduzir suas vidas. Assim, o conhecimento social contido nos documentos e mantidos nas bibliotecas são efetivamente transferidos para os usuários. Por isso, sob esta ótica a biblioteca torna-se uma importante organização social dentre as demais instituições sociais associadas com o processo de transferência de conhecimento.

Em resumo o paradigma da biblioteca como uma instituição social conhecida - a biblioteca - é caracterizada em termos de suas

propriedade social e institucional e de suas funções. O paradigma ocupa também a instituição em um contexto amplo, envolvendo um processo de mudança social onde indivíduos, embora apenas lendo, usam o estoque de conhecimento social na condução de suas vidas, facilitando assim o processo social geral.

A função social da biblioteca enquanto uma instituição social está, principalmente, em ser o fio condutor entre indivíduos e o conhecimento que eles necessitam.

É importante ressaltar alguns pontos importantes que fragilizaram a manutenção desse paradigma. O primeiro diz respeito a preocupação excessiva das bibliotecas em armazenar e organizar acervos para uma possível utilização sem considerar um objeto mais flexível que é a informação. O livro, que era o objeto da Biblioteconomia passou a compor inúmeros itens de informação, objeto este que ultrapassa as paredes da biblioteca. Outro ponto foi sua preocupação menor com os usuários. Apesar das muitas pesquisas existentes sobre usuários a metodologia utilizada esteve sempre centrada na avaliação dos serviços da biblioteca e não nos problemas dos usuários. Essa posição equivocada dos problemas dos usuários tem dificultado a concretização da tão almejada função social da biblioteca.

As mudanças ocorridas na instituição nas últimas décadas, segundo Almeida Júnior(2000) atenderam -se ao mínimo imprescindível para atender aos reclamos da sociedade. Tais transformações foram impostas para que a Biblioteconomia se adequasse às necessidades informacionais da sociedade. Ressalta o autor que tais mudanças deveriam originar-se de análises e reflexões da área.

A literatura sobre os estudos e pesquisas na Biblioteconomia revela uma área pouco envolvida com questões de pesquisa e produção de conhecimento. Oliveira (1998).

O paradigma da ciência da informação compõe-se de um grupo de idéias relativas ao processo que envolve o movimento da informação em um sistema de comunicação humana. Este paradigma surgiu nos anos 50 quando as idéias da engenharia de comunicações e teorias cibernéticas tiveram

êxito na representação das propriedades do sistema de transmissão de sinais em termos matemáticos. Tornou-se então a base das tentativas para caracterizar e modelar o processo de recuperação e de citação do documento.

Este paradigma tem influenciado profundamente o campo da biblioteconomia, contribuindo não só com a palavra “informação” para denominar o novo campo, mas também suprindo a área com um conjunto completamente novo de termos com os quais os praticantes caracterizaram suas atividades. Este paradigma evidencia particularmente o fluxo de informação que ocorre no sistema onde objetos de representação do conhecimento (documentos) são buscados e recuperados em resposta à pergunta iniciada pelo usuário. Isto pressupõe uma grande extensão de assuntos específicos envolvendo processos também específicos - por exemplo - a criação e crescimento do volume de documentos na sociedade, a organização e recuperação desses documentos e/ou da sua representação e também seu uso. Este modelo de sistema de informação tem origem em um contexto mais geral que é a teoria da comunicação. A teoria consiste de um ponto de origem (emissor) um canal pelo qual passa a informação e um ponto de destino (receptor) com possibilidade de codificação e decodificação para fins de retroalimentação.

Esta estrutura tem sido aplicada em bibliotecas como modelo de recuperação de documentos e para caracterizar agências que se dedicam às atividades tanto de biblioteconomia quanto de ciência da informação. O modelo permitiu estudos sobre fluxos de informação em agências públicas e privadas, entre membros de uma disciplina, profissões, especialistas etc.

A importância desse paradigma para a área, segundo Miksa, se expressa em 3 idéias básicas:

1 . Permite a formalização da idéia de que informação é algo que flui dentro de um sistema. À partir daí surgiram os conceitos de entropia e incerteza, redundância, retroalimentação, sinal para taxas de ruídos.

2 . A informação passou a ser entendida como algo divisível dentro de unidades feitas em partes num sistema.

3 . A idéia de movimento da informação tem intensificado a busca de entendimento da informação em si mesma. A princípio foi discutido como fenômeno físico, isto é - a transmissão de sinais mensuráveis - o que tornou flexível o conceito principal do paradigma. Depois foram acrescentados outros domínios do movimento da informação, por exemplo, aqueles relacionados ao fluxo de idéias, de significados, ou de mensagens cheias de significados envolvidos com a semiótica e semântica. No campo da ciência da informação e da biblioteconomia este paradigma tem então como fenômeno central o movimento da informação num sistema de comunicação. O processo é modelado em termos de fluxo da informação entre dois pontos através de um canal permitindo para controle, a incorporação do feedback.

Este paradigma também contém fragilidades que não puderam ser superadas. O fato de originar-se da teoria matemática da comunicação, idealizada para transmissão de sinais, ao ser transposto para o ambiente da ciência da informação não foi possível considerar os aspectos cognitivos da informação e nem o desejo do usuário como componentes que alteram significativamente o processo de recuperação da informação dentro de um sistema. Por isso a vasta literatura sobre os modelos matemáticos de recuperação da

informação, assim como os conceitos de pertinência, relevância e outros caíram em desuso. Além disso tanto os modelos matemáticos de recuperação quanto as conceituações advindas daquele modelo não foram vastamente testadas através da prática da pesquisa.

Segundo Tomas Kuhn, a transição de um paradigma em crise para um novo não chega a ser um processo cumulativo. “A reconstrução da área de estudos é feita à partir de novos princípios, reconstrução que altera algumas generalizações teóricas mais elementares do paradigma, bem como muitos de seus métodos e aplicações” KUHN (1975). Assim, apesar da ação revolucionária do novo paradigma há um período de transição entre o velho e o novo modelo, havendo coincidências entre os problemas que podem ser resolvidos por ambos.

À luz dos estudos de Kuhn parece ser este um momento de transição da área, quando testa uma nova teoria na busca de solução para uma crise. Essa crise surgiu com as novas tecnologias de processamento, armazenamento e disseminação da informação, principalmente deslocando os catálogos de bibliotecas de seus locais de origem, levando-os para perto dos usuários através das bases de dados. A unidade de análise já não é mais só o livro mas a informação, objeto ainda não dominado pela ciência da informação apesar da vasta literatura existente sobre o tema.

A ciência da informação surgiu com a responsabilidade de resolver problemas que a

biblioteconomia já não conseguia resolver estando seus antecedentes na documentação e recuperação da informação. O grande desafio da Ciência da informação passou a ser o de recuperar por especialidade grandes massas de documentos produzidos principalmente após a II guerra mundial. Por isso a Ciência da Informação nasceu e está inexoravelmente ligada as novas tecnologias de organização e disseminação da informação

No Brasil, com a ampliação das atividades de informação para além do universo das bibliotecas, o termo Ciência da Informação e seus construtos teóricos passaram a ser empregados em substituição ao termo Biblioteconomia, principalmente pelas agências de fomento. O Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, órgão federal de financiamento à pesquisa, desde 1978 adotou em suas primeiras políticas de financiamento para a área o termo Ciência da Informação. O termo passou a indicar um campo mais amplo com capacidade para abrigar atividades de pesquisas e algumas habilitações profissionais como a Biblioteconomia, a Arquivologia, e outras que já estão surgindo, como gerente de redes e sistemas, designe de site, gestor de informação.

Grosso modo, a Ciência da Informação coloca-se como um guarda chuva sobre as diversas atividades de informação, passíveis de recuperação, localizadas ou não em instituições sociais, onde são abrigadas práticas

profissionais, treinamentos e atividades de pesquisas.

Sob os auspícios do CNPq foram elaborados documentos básicos sobre cada área do conhecimento para facilitar as atividades de concessão de financiamento à projetos. O documento AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA (1978) para a Ciência da informação, Biblioteconomia e Arquivologia, elaborado por uma comissão composta por consultores daquelas disciplinas traz algumas conceituações básicas. A conceituação da área elaborada por aquela comissão apoiou-se nas orientações da UNESCO que então estimulava a criação de uma infraestrutura de informação como base para sistemas nacionais de informação. No contexto daquele documento “ Ciência da Informação designa o campo mais amplo, de propósitos investigativos e analíticos, interdisciplinar por natureza, que tem por objetivo o estudo dos fenômenos ligados à produção, organização, difusão e utilização de informações em todos os campos do saber”. No entendimento dos consultores que fizeram o documento “ a Biblioteconomia e a Arquivologia são disciplinas aplicadas, que tratam da coleta, organização e difusão de informações preservadas em diferentes tipos de suportes materiais. Diferenciam-se, basicamente, pelo fato de que as bibliotecas e outros órgãos assemelhados lidam com materiais produzidos em origens diversas e cujo conteúdo relaciona-se com a necessidade de prover os usuários com informações

substantivas sobre o universo dos conhecimentos ou parte deles, enquanto que os arquivos lidam com aqueles documentos que foram produzidos como resultado das atividades desenvolvidas por uma pessoa física ou jurídica e que, portanto, documentam essas atividades e têm valor para consulta e pesquisa”. AVALIAÇÃO E PERSPECTIVA (1978, p. 52). Dessa maneira aquela disciplina é vista como uma grande área dividida em subáreas como a Biblioteconomia e Arquivologia, disciplinas voltadas para a aplicação de técnicas o que não quer dizer, como afirma o documento, que no âmbito daquelas disciplinas não se realizem pesquisas ou se produzam novos conhecimentos.

A ciência da informação se desenvolveu no Brasil, mais do que nos países desenvolvidos, imbricada com a Biblioteconomia mesmo sendo orientada por paradigmas diferentes. Em alguns momentos e situações é possível observar conflitos dessas áreas e em outros compartilhamento e cooperação. O que podemos afirmar é que estamos trabalhando em uma área em mudança motivadas por fatores internos e externos. O fator externo de maior impacto é sem dúvida o das novas tecnologias. Desde o advento do computador pessoal a área vem sofrendo grandes impactos tecnológicos os quais ora vem subverter conceitos fundamentais da área ora ampliar e oferecer novos problemas de pesquisas e práticas profissionais.

A formação profissional e os novos contextos de informação

O fato é que esse campo amplo denominado Ciência da Informação e que tem como objeto algo muito flexível como a informação hoje aponta muitas novidades a serem absorvidas pelas instituições tradicionais e aponta novos contextos de informação como nichos de mercado de trabalho a serem conquistados.

Em sua pesquisa sobre o perfil do profissional de informação no Brasil Kira Tarapanoff entrevistou cerca de 400 profissionais de informação dentre os quais 331 bibliotecários. Os resultados revelaram dentre outros um perfil conservador tanto quanto à dominação – bibliotecário, quanto à sua formação em Biblioteconomia.

Conforme aquela pesquisadora as influências ambientais e a nova conjuntura administrativa e de telemática demandam novas estratégias, estruturas e processos de trabalho. No cenário atual, a unidade informacional e seu profissional devem:

- . flexibilizar processos de trabalho
- . descentralizar decisões
- . centrar processos atividades, produtos e serviços no usuário;
- . desenvolver parcerias;
- . adotar cooperação como estratégia;
- . inovar e competir por novos espaços
- . formar grupos de apoio e de pressão, para auxiliá-los em decisões administrativas e na elaboração de políticas informacionais;

- . desenvolver bases de dados de formação intelectual gerada e organizada pela própria instituição;
- . organizar, recuperar, e preparar, para uso, informação disponível e sua organização e em várias redes e sistemas de interesse para o seu usuário;
- . disponibilizar e acessar informações em nível mundial;
- . oferecer os produtos e serviços dentro do conceito de “just in time” e outros conceitos de qualidade.
- . preocupar-se com o aprendizado e a educação continuados para fazer face às mudanças tecnológicas, gerenciais e comportamentais.

Neste contexto o profissional de informação deve ter um desempenho superior e está dependendo de um aprendizado de qualidade.

Dentre os novos contextos de informação o que se apresenta promissor é o da inovação de produtos. As metodologias de desenvolvimento econômico baseiam-se no agrupamento de fatores de produção. Até o final da década passada o agrupamento do capital financeiro mais infraestrutura somados aos recursos naturais colocavam-se como suficientes para gerar recursos econômicos. Nas modernas economias o capital social é demandado como fator fundamental e decisivo no desenvolvimento econômico. Segundo Musa(2000) o produto que hoje é possível

exportar é aquele que insere conhecimento. O produto de maior qualidade hoje é aquele que agrega informação.

Outro contexto em potencial pode ser visualizado na leitura do projeto da Sociedade de Informação entregue no mês passado ao Ministro da Ciência e Tecnologia. Conforme a proposta contida no documento básico “Sociedade da Informação no Brasil – livro verde!” o termo sociedade da informação representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma tecnico-científico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades fatalmente serão, em alguma medida, afetadas pela infraestrutura de informações disponível. É também acentuada sua dimensão político-econômica, decorrente da contribuição da infraestrutura de informações para que as regiões sejam mais ou menos atraentes em relação aos negócios e empreendimentos. Sua importância assemelha-se à de uma boa estrada de rodagem para o sucesso econômico das localidades. Tem ainda marcante dimensão social, em virtude do seu elevado potencial de promover integração, ao reduzir distâncias entre pessoas e aumentar o seu nível de informação.

O livro verde, dividido em grandes estratégias coloca como uma das mais importantes a valorização de conteúdos e de identidade cultural. Segundo os organizadores

daquela proposta gigantescos acervos de informação sobre os mais variados temas, em diferentes formatos e para todos os tipos de público – designados pelo nome genérico de conteúdos – circulam hoje, incorporados em novos produtos e serviços de informação, em escala planetária e de forma acelerada, por meio da Internet e das novas mídias. Esse inestimável repertório permite o compartilhamento de conhecimentos, informações e dados, e também o desenvolvimento humano.

Conclusões

As atividades de organizar, disponibilizar e recuperar informações nesses novos contextos deverão estar a cargo de equipes interdisciplinares. A exigência desse novo perfil começa por uma nova postura de trabalhar em equipe. Apesar da Biblioteconomia ter se renovado com a adoção de novas construções teóricas importadas da Ciência da Informação e de outras áreas científicas o foco do seu paradigma ainda permanece atado a ideia de organização de acervos em detrimento da disseminação de informação e do entendimento das necessidades dos usuários. Por outro lado a Ciência da Informação tampouco contribuiu com soluções para tais estudos.

A formação de novos perfis ainda é um desafio para as instituições de formação acadêmica. Apesar de duas áreas compartilharem com relativa harmonia as mesmas atividades de informação, ainda não há um consenso na formação daqueles profissionais. No Brasil a

Biblioteconomia é ministrada em nível de graduação e a Ciência da Informação de pós-graduação. As instituições que oferecem cursos de graduação e pós-graduação tem conseguido treinar um tipo de profissional mais moderno no entanto em algumas regiões do País onde os cursos de graduação encontram-se distantes da pós-graduação os obstáculos e dificuldades são grandes. A melhoria desses perfis pode estar dependendo de um consenso quanto as orientações fundamentais que sustentam a prática de pesquisa e profissional ou seja nas atividades de organização e recuperação de informação e nas questões de pesquisa que realmente produzam conhecimento novo.

Bibliografia

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Profissional de Informação: entre o espírito e a produção. IN: VALENTIM, M. P. (Org) Profissionais da Informação: formação, perfil e atuação profissional. São Paulo: ed. Polis, 2000, p.31-51.

CNPQ. Avaliação e perspectiva 82. Brasília: Coordenação editorial, 1983. V.8- Ciências Sociais.

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1975. 257 p.

HALE, Martha L. Paradigmatic shift in library and information science. In: MCLURE, C. & HERNOM, P. (ed) Library and information science research; perspectives and strategies for improvement. New Jersey: Ablex publishing corporation, 1991. p337-347.

OLIVEIRA, M. A investigação científica na Ciência da Informação: análise da pesquisa financiada pelo CNPq. Brasília: UnB, 1998. 200p. (Tese de doutorado)

MIKSA, Francis, L. Library and information science: two paradigmas. In: VAKKARI, P.; CRONIN, B. (Eds) *Conceptions of library and information science. Proceedings of the international conference for the celebration of 20th anniversary of the department of Information Studies*. University of Tampere, Finland, 26-28, 1991. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992 p.5-27

MILANESI, L. A formação do informador. São Paulo: USP. 2000. 26p. (Texto didático).

MUSA, E. Clusters e cadeias produtivas. Seminário Clusters-cadeias produtivas e perspectiva tecnológica. Brasília, 9 de outubro, 2000. (pelestra proferida).

SANTAELLA BRAGA, M. Lucia. Os paradigmas na Comunicação. (relatório de pesquisa apresentado ao CNPQ). Brasília, 1992.

SANTOS, Boaventura de Souza. Introdução a uma ciência pós moderna. Rio de Janeiro, Graal, 1989. 175p.

TARAPANOFF, K. Perfil profissional da informação no Brasil; Diagnóstico de necessidades de treinamento e educação continuada. Brasília:IEL/DF,1997,143p.

WERSIG, Gernot. Information science: the study of posmodern knowledge usage. Information processing & management, 29(2):229-239, 1991

